

PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE AS FASES DE ESCRITAS DAS CRIANÇAS NUMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO

Lizandra Maria de Castro Fernandes¹; Giselly Andreza Araújo²; Joseane Patrícia Diniz³;
Francicleide Cesário de Oliveira Fontes

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN / lizandraacastro@hotmail.com; ²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN / gisellyandreza@hotmail.com; ³Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN / joseanediniz23@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN / fran.cesario@hotmail.com;

RESUMO

O presente trabalho apresenta discussões acerca do processo de alfabetização de crianças, tendo como objetivo investigar os processos de ensino-aprendizagem da alfabetização, considerando as escritas espontâneas das crianças em uma perspectiva de letramento. A pesquisa está embasada na abordagem qualitativa, e se caracteriza, também, como bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica traz reflexões acerca dos níveis de escrita das crianças e a importância de considerá-las como sujeitos ativos em seu próprio processo de aprendizagem. E a pesquisa de campo se deu através de uma observação, objetivando compreender e explicar o tema pesquisado. Os resultados apontam que é de fundamental importância que o professor considere a criança como sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, sempre a oportunizando a escrever espontaneamente para que elas criem suas próprias interpretações a respeito da língua escrita, e considerando toda escrita que parte da criança para instigá-la a produzir mais.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Sistema de escrita.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, as concepções acerca do processo de alfabetização vêm sendo analisadas e construídas tendo como base as pesquisas desenvolvidas por pesquisadores e estudiosos da área, com intuito de buscar um conceito mais amplo de alfabetização. Nesse processo construtivo, podemos perceber os avanços significativos tanto nas práticas de ensino de alfabetização, como também no que diz respeito ao seu conceito. Os estudos e interesses acerca desse processo, tanto pelos aspectos sociais em que constituem a linguagem, levando em consideração os aspectos que envolvem a sua função, estrutura e aquisição, quanto a preocupação com os aspectos cognitivos no processo de aprendizagem, foi consequência dos avanços no

conceito de alfabetização e a inclusão do conceito de letramento nas práticas alfabetizadoras, passando a ser visto como conceitos que se relacionam.

Assim, o nosso interesse em trabalhar a temática se deu através da disciplina alfabetização e letramento, em que nos despertou a curiosidade em estabelecer uma relação mais próxima das escritas espontâneas das crianças, bem como aprofundarmos nossos conhecimentos sobre essa temática levando em consideração o processo de alfabetização e letramento como conceitos indissociáveis, e instigando-nos sobre o processo de ensino-aprendizagem e as fases de escrita em que as crianças se encontram. Como também a partir de estudos específicos a respeito dessa área no que se refere a aquisição da língua escrita das crianças, compreendendo-a como um ser cognocente e parte integrante desse processo no mundo da evolução da linguagem escrita.

Tem como objetivo investigar os processos de ensino-aprendizagem da alfabetização, considerando as escritas espontâneas das crianças em uma perspectiva de letramento.

O percurso metodológico adotado encaminha à utilização, no processo de investigação, de pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi baseada em autores como: Ferreiro e Teberosky (1999), Soares (2009;2012), e Colello (2010). A pesquisa de campo teve como técnicas de construção dos dados, a observação em uma sala de aula de 1º ano em uma escola pública da rede municipal de Tabuleiro Grande/RN, bem como de construções escritas das crianças através de ditado de palavras relacionados a temas específicos. Na observação da referida escola, procuramos analisar a prática metodológica da professora, tendo em vista possibilitarmos mais informações a respeito do trabalho com a escrita desenvolvido em sala de aula, e dados mais complexos sobre o nível das escritas dos alunos. Para auxiliar a organização dessas técnicas, tivemos como base um roteiro norteador construído através das leituras e dos referenciais teóricos, bem como das discussões proferidas em sala de aula na disciplina alfabetização e letramento.

CONTEXTO HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO.

O conceito de alfabetização até o final da década de 1980 era muito restrito, pois era considerado como alfabetizado aquele que soubesse ler e escrever, voltado para a capacidade de

escrever o próprio nome, condição essa considerada satisfatória para tirar uma pessoa da lista de analfabetos.

Dessa forma, o termo alfabetização era entendido como uma forma limitada de aprendizagem do sistema de escrita, uma vez que era visto apenas como o processo de codificação e decodificação do alfabeto.

Então, durante muito tempo, segundo Colello (2004) a alfabetização foi entendida como mera sistematização do $B + A = BA$, isto é, como aquisição de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas. A simples consciência fonológica que permitia aos sujeitos associarem som e letras para produzir grafias parecia suficiente para distinguir o alfabetizado do analfabeto. Além disso, os métodos que vigoravam nessa época, marcada pelo alto índice de analfabetismo eram baseadas nos métodos tradicionais de ensino, divididos em sintéticos e analíticos, com discussões à respeito deste campo de forma restrita e na sua eficácia, num processo de aprendizagem descontextualizada, pois a criança, a cultura, a linguagem e os conhecimentos prévios eram desconsiderados, vendo a escrita como um código a ser memorizado e reproduzido numa perspectiva mecanicista, onde o conhecimento é visto como acúmulo quantitativo, pois a ênfase era no ensino e não na aprendizagem.

A partir da década de 80, o modo pelo qual a educação brasileira vinha sendo desenvolvida, esses métodos tradicionais passaram a ser questionados, com intensas críticas ao uso das cartilhas, e é por meio dos linguísticos e psicólogos que vai surgir o interesse pelos aspectos que integram a linguagem.

Os interesses pelos aspectos que constituem a linguagem são mais intensos no início do século XX, ocorre com o surgimento da teoria construtivista, a partir das experiências do suíço Jean Piaget, representando um avanço significativo para o campo da alfabetização, pois a criança passa a ser considerada como sujeito ativo e aprendiz na construção do conhecimento, e essa discussão é introduzida na educação brasileira por Ana Teberosky e Emília Ferreiro, em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização é mais do que a apropriação de um código, um ato mecanicista. Sendo assim, todo conhecimento que a criança já possui é valorizado, o conhecimento da língua escrita é visto como um processo em construção, e não como um fato linear.

Foi no contexto das grandes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, bem como o controle do analfabetismo, no final do século XX, que saber ler e escrever se torna insuficiente para atender as demandas da sociedade que vinha crescendo, diante do surgimento das

mais variadas práticas de uso da língua escrita, surgem também a necessidade de usar a leitura e a escrita socialmente como condição de sobrevivência e cidadania, ampliando o sentido do que se conhecia, antes, por alfabetização.

Nesse intuito, em diferentes sociedades distanciadas em vários aspectos (culturais, econômicos, sociais), se dá a invenção do letramento como forma de contemplar o conceito de alfabetização com caráter de complementaridade. A partir de da introdução das discussões sobre o letramento nas teorias e práticas pedagógicas, a alfabetização passa, então, a ser vista num sentido mais amplo, englobando não só o processo de codificação e decodificação, mas também o domínio dessas habilidades nas práticas sociais de leitura e escrita, com o intuito agora de alfabetizar numa perspectiva de letramento, já que, “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade”. (TFOUNI, 1995, p. 20).

Dessa forma, Fontes e Benevides (2013), acrescentam que, conhecer as letras e os sons do sistema de escrita alfabético é um pressuposto indispensável para o processo de aprendizagem, porém, é indispensável também buscar sentido, significado e compreender o que está escrito, contemplando, assim, as duas facetas da aprendizagem: alfabetização e letramento.

Para elas, bem como para Soares (2012), afirmam que os processos de alfabetizar e letrar são interligados, porém é importante reconhecer que há uma diferença entre os dois processos, entre o aprender o código e ter a habilidade de usá-lo. Sendo assim, alfabetizar trata-se de “[...] um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito [...]”. (SOARES, 2012, p.16). Enquanto que o “[...] letrar tem a função de inserir, familiarizar a criança com as diversas práticas sociais de leitura [...], compreendendo quais as funções da língua escrita, para que serve, que utilidade tem para a vida [...]”. (FONTES, 2003, p.11).

É fundamental buscar significado, compreensão do mundo que nos rodeia. Dessa forma o letramento veio para somar na construção de um sujeito ativo na sociedade, negando as práticas tradicionais de ensino, e que mesmo diferente do conceito de alfabetização, não podem ser separados do processo de aprendizagem da língua escrita pois, são interdependentes, indissociáveis.

A CRIANÇA FRENTE AOS PRIMEIROS CONTATOS COM A LÍNGUA ESCRITA

A sociedade atual, em seus diferentes contextos, apresenta diversas práticas de escrita ou exprimem em suas funções sociais a importância desta. E a criança por ser parte integrante dela, recebe as informações sobre a função social da escrita através da participação nas situações cotidianas e, com isso espera-se que ela compreenda que a escrita é necessária e, portanto, indispensável na sociedade letrada.

Muitos estudiosos e pesquisadores, como: Piaget, Emília Ferreiro, têm trabalhado na tentativa de compreender a elaboração do pensamento do ser que aprende, ou seja, buscam entender como funciona o pensamento da criança quando está aprendendo a ler e a escrever.

Nesse sentido Ferreiro (2001), em sua abordagem sobre a aquisição da língua escrita, comenta que os educadores estão tão acostumados a considerar a aprendizagem da escrita um processo essencialmente escolar, que se torna difícil aceitar que as crianças já trazem, para a escola, uma gama de conhecimentos relativos à escrita. Sabe-se que estas, desde o nascimento, são construtoras de conhecimentos, pois procuram compreender o mundo que as rodeiam ao levantarem problemas e buscarem explicações para as suas respostas. Isso significa dizer que elas estão construindo objeto de conhecimento e o sistema de escrita é um deles.

Atualmente, as pesquisas vêm mostrando que cada vez mais cedo as crianças estão em contato com a linguagem escrita, tanto quanto falada, com a mesma similaridade de inteligência. Todavia, não é somente através da escola que acontece essa inserção. As situações cotidianas da criança estão rodeadas de práticas sociais e de usos da escrita, desde a sua casa elas se deparam com diversos materiais que contemplam a escrita impressa, como nos rótulos dos produtos de limpeza ou alimentícios, as revistas e a televisão que também contribui para esse envolvimento da criança com a escrita. Além disso, ao sair à rua as práticas de utilização da escrita são cada vez mais frequentes e apelativas, quer nas placas de trânsito, nos anúncios, letreiros de lojas entre outros exemplos, proporcionam à criança desde a tenra idade a familiarização com a linguagem escrita, sem que ela dê conta do conhecimento dos aspectos externos da escrita.

Esse contato da criança com o mundo letrado, não significa dizer que ao iniciar o processo de aprendizagem formal da escrita ela já consiga escrever convencionalmente, mas sim que a linguagem escrita não lhe é algo desconhecido. A escrita, é, pois, um processo complexo na qual a criança, enquanto sujeito aprendiz, segundo Ferreiro e Teberosky (1985), vai construindo hipóteses, superando conflitos e evoluindo mediante cada regra que é criada por ela própria.

ANALISANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM CONSIDERANDO AS FASES DE ESCRITAS DAS CRIANÇAS NUMA PERSPECTIVA DE ALFABETIZAR LETRANDO

Desde muito cedo as crianças sentem o desejo e a necessidade de escrever, e se suas primeiras produções escritas forem aceitas, elas encontrarão mais facilidade para produzi-las e continuarão a escrever de maneira progressiva. Porém, se a criança vivencia práticas que a faz reproduzir modelos, seguindo técnicas pré-determinadas pelo professor, ela não conseguirá aflorar seus desejos, ficará sempre esperando o modo correto e, dessa maneira, não se arriscará a produzir suas escritas. Por isso, é de fundamental relevância desafiar a criança a escrever espontaneamente, para que ela possa adquirir o prazer pela escrita e sentir-se sujeito participante e construtora do próprio saber linguístico. (FERREIRO, 2001)

Quanto a esse aspecto, nas últimas décadas, a partir de investigações e estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), sobre a psicogênese da língua escrita, é possível descrever como se origina e como se desenvolve a escrita da criança. Por meio desses estudos, segundo Fontana e Cruz (1997, p. 173) tornou-se possível conhecer:

O que as crianças pensam sobre a escrita e como se relacionam com ela, antes e durante a alfabetização; os processos envolvidos nas relações da criança com a escrita, que têm início muito antes da alfabetização acompanham-na e prolongam-se para além dela, segundo a relevância da escrita no contexto social em que vivem seus usuários; as especificidades da alfabetização, vista como um processo que, envolvendo sistematização de regras, acontece na relação de ensino do contexto escolar.

Mediante a esses dizeres, é fundamental que nas práticas escolares as crianças sejam vistas como sujeitos-aprendizes, que possuem capacidades para construir seus próprios conhecimentos, tendo, portanto, a oportunidade de pensar e refletir sobre suas próprias escritas.

Segundo Colello (2004), o processo de construção da língua escrita é muito mais complexo do que pensavam muitos educadores que, ingenuamente, insistiam em ensinar as famílias silábicas, o abecedário, e a associação de letras para a compreensão de palavras, sentenças e textos. “A capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade do sujeito em somar pedaços de escrita, mas antes disso, compreender como funcionam a estrutura da língua e o modo como é usado em nossa sociedade”. (COLELLO, 2004, p.27)

Com base nessas compreensões, lançamo-nos a pesquisar sobre os processos de ensino-aprendizagem da alfabetização de crianças, considerando suas escritas espontâneas em uma perspectiva de letramento. A pesquisa se deu através da observação das práticas da professora com

foco no ensino-aprendizagem da escrita, seguindo um roteiro de observação, considerando o seguinte aspecto: a prática pedagógica do professor frente aos níveis de escrita dos educandos. No decorrer da nossa observação, pudemos constatar que a professora, no seu processo metodológico, dá ênfase ao processo de ensino-aprendizagem da escrita, considerando ao máximo a capacidade dos alunos frente ao processo de alfabetização numa perspectiva de letramento. Ela propõe momentos de trocas de aprendizagem entre os diferentes níveis encontrados na sala de aula, em que observamos em um dado momento da aula, que a professora permite a partir do erro de uma determinada criança a reformulação de novas hipóteses com a participação de toda a turma para se chegar ao resultado esperado, trabalhando com uma metodologia e procedimentos pedagógicos que leva em consideração o contexto sócio-histórico-cultural em que a criança está inserida, e que as mesmas usufruam da sua imaginação para criar suas próprias produções, considerando-as assim como construtoras de conhecimento. Nesse entendimento, Morais e Albuquerque (2004) afirmam que para alfabetizar letrando faz-se necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança a ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. Observamos, também, que ela utiliza de várias estratégias para abordar os conteúdos propostos, tais como: leitura individual e coletiva, a construção de listas de palavras, ditados, a escrita espontânea, mediação na realização das atividades propostas, entre outras.

Apesar da turma ser bastante numerosa e a professora encontrar certa dificuldade com comportamento dos alunos, consegue ter um domínio da turma e desenvolver as atividades planejadas. A mesma conta com a ajuda de uma auxiliar, que de certa forma auxilia e ajuda no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos educandos, porém a aula é conduzida pela professora.

A professora sempre procura instigar seus alunos a refletirem sobre o sistema de escrita, considerando os seus conhecimentos prévios e as suas escritas espontâneas. E a partir da identificação que a mesma faz dos diferentes níveis de escrita das crianças, procura para aqueles que estão em fases iniciais de escrita atividades que os ajudem a progredir. Isso é tão comprovado que ao propormos um ditado de palavras as crianças, não tivemos dificuldades.

Ao analisar a prática da professora, reportamo-nos as palavras de Freire (1992, p.22), quando afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nesse sentido, percebemos que a professora observada se comporta como facilitadora nesse processo, que mesmo enfrentando grandes dificuldades, tem essa missão, de através dos conhecimentos historicamente acumulados no dia a dia de seus alunos, possa

construir, através disso, um conhecimento mais sistematizado nos educandos, valorizando suas tradições culturais e do saber prático que eles detêm não apenas transferindo conhecimentos, mas partindo principalmente da sua realidade e que possa se ver como parte integrante da sociedade, desafiando-o que ele próprio também é um fazedor de cultura.

Entendemos que é de fundamental importância, que o professor no exercício de sua docência, considere ao máximo as capacidades de seus alunos, tendo como próprios construtores de seus conhecimentos e autores de suas próprias hipóteses a respeito da língua escrita, sem ter que apenas seguir à risca tudo o que já vem proposto. O professor que entende que a criança é capaz de construir seus próprios conhecimentos, ao ser mediada, deixa que a criança crie e escreva, conforme Ferreiro (2001), tal como ela acredita que seja a escrita, e com isso, o professor deve considerar cada rabisco ou letra que parta do próprio entendimento da criança sobre a escrita, a fim de que possa desenvolver práticas significativas de ensino que possibilitem o desenvolvimento do aluno acerca do funcionamento e utilização da escrita.

As pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999) e Ferreiro (2001), buscaram descrever e classificar as sucessivas etapas de produção da escrita tentando compreender o motor que impulsiona esse processo de aprendizagem. As suas descobertas trouxeram grandes mudanças no ensino-aprendizagem no que diz respeito ao nosso sistema de escrita alfabética.

As conclusões de seus trabalhos apontam que a maioria das crianças independentemente do processo de escolarização e da sua idade, vivenciam esses quatro momentos básicos. É nesses níveis que a criança mostra sua capacidade de interpretar e reproduzir símbolos gráficos. Sendo assim, elas consideram importante que o professor alfabetizador deve conhecer o nível que a criança apresenta para poder intervir e levá-la a refletir sobre suas hipóteses.

Ferreiro e Teberosky (1999) identificam que, são quatro os níveis de evolução da escrita da criança. Sendo eles classificados como: a escrita pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética.

Partindo para as análises das escritas, foi realizada uma observação no período de 02 a 06 de junho de 2016, tendo como base investigadora 5 alunos de 6 e 7 anos do 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abraão Cavalcante Bessa do Município de Tabuleiro Grande – RN. Os sujeitos observados, são da turma da professora que também foi observada durante a pesquisa. Na discussão, eles são identificados pelos seguintes nomes fictícios: Estrela, Lua, Florzinha, Sol e Céu.

Para construção dos dados, foram utilizados dois ditados de palavras com temáticas diferenciadas com todos os alunos da turma, porém escolhemos esses cinco, pelo fato da maioria estarem nessas duas fases de escrita. O primeiro referente a temática aniversário e o segundo sobre as frutas.

As palavras utilizadas nos ditados foram as seguintes:

Quadro 1 – Temas e palavras do ditado

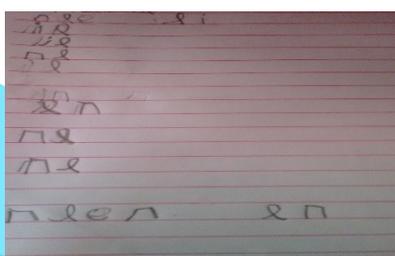
| Tema: Aniversario | Tema: Frutas |
|-------------------|--------------|
| 1. Refrigerante | 1. Maracujá |
| 2. Brigadeiro | 2. Laranja |
| 3. Pipoca | 3. Banana |
| 4. Bolo | 4. Maçã |

Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa de campo

Ao propormos o ditado de palavras para as crianças, não tivemos dificuldade, pois as crianças não se mostraram resistentes e aceitaram facilmente a nossa proposta. Ao terminar o ditado pedimos que cada um escrevesse a frase: eu gosto de frutas. Todos os alunos se entusiasmaram e quiseram participar da atividade. Comprovando assim, que a professora sempre permite a escrita espontânea desses alunos. Porém, para analisar os dados escolhemos apenas 05 crianças que estão na fase pré-silábica e alfabética, pois foram os níveis mais encontrados entre os sujeitos participantes.

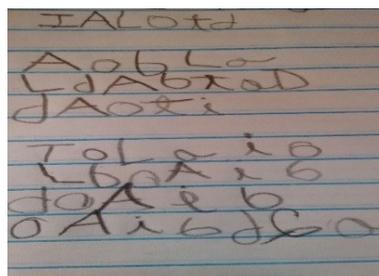
Nas duas figuras a seguir, analisaremos as escritas de Estrela e Lua, que se encontram na fase pré-silábica.

Figura 1 – escrita de Estrela



Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa de campo

Figura 2 – escrita de Lua



Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa de campo

Na primeira figura da escrita de Estrela percebemos que a criança já faz o uso de letras convencionais, uma vez que de acordo com Colello (2004), nessa fase a escrita pré-silábica é produzida por crianças que ainda não compreenderam o caráter fonético do sistema, usando apenas duas letras em todas as escritas, no caso das escritas de Estrela as letras são: R e L, e de Lua: A, J,

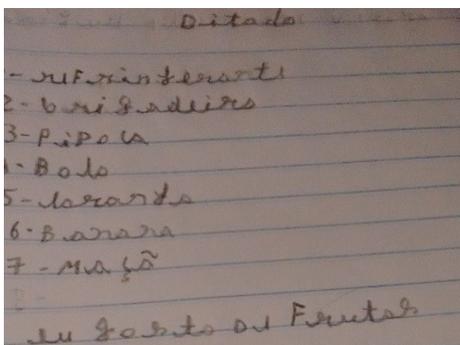
I, O ,T, que provavelmente são letras que fazem parte do seu nome, havendo assim diferenciações interfigurais, onde a sequência varia de uma palavra para outra.

Já na figura 2, a criança também faz uso de letras convencionais, porém não lhes são atribuídas nenhum valor sonoro, contendo uma variação maior no seu repertório de letra. Embora essas produções não possam ser facilmente identificadas como pertencentes as letras do sistema ortográfico, que não é o caso das escritas observadas, mesmo assim, elas possuem um valor significativo para a criança, porque representam formas notacionais da escrita, tal qual a criança é capaz de realizar em seu momento de construção do conhecimento da escrita.

Nesse sentido, a valorização das marcas gráficas iniciais, produzidas pela criança, é essencial, uma vez que possibilitam a utilização da capacidade particular da criança para registrar por escrito o que pensa e deseja, praticando a escrita desde o início do processo de aquisição, experimentando vários esquemas para usar a escrita em seus diversos contextos sociais. (FERREIRO, 2002).

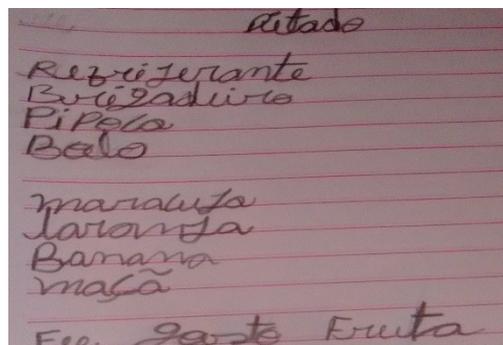
Agora analisaremos as escritas de Florzinha, Sol e Céu, que se encontram na fase alfabética.

Figura 3 – escrita de Florzinha



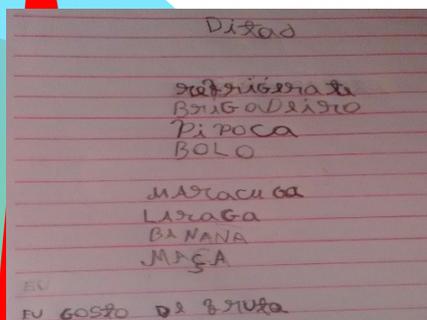
Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa de campo

Figura 4 – escrita de Sol



Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa de campo

Figura 5 – escrita de Céu



Fonte: Produzido pelas autoras com base na pesquisa

de campo

Os alunos observados nos 03 exemplos acima, encontram-se na fase alfabética.

Ao analisarmos cada exemplo podemos observar que existem alguns problemas específicos com relação as escritas, como a troca de alguma letra, a ausência de algum acento na palavra, e também provavelmente que algumas vezes, escreva da maneira que fala. Porém, os erros ortográficos nessa fase são comuns. De acordo com Colello (2004), na escrita alfabética a criança já compreende o valor sonoro de cada letra, mas não domina as regras e as particularidades do nosso sistema.

Nesse momento o desafio é caminhar em direção a convencionalidade e a correção ortográfica e gramatical.

Sabemos que a criança passa por uma série de passos ordenados antes que compreenda a natureza do nosso sistema alfabético de escrita, e cada passo caracteriza-se como uma conquista para a criança. Por isso, é muito importante considerar a sai escrita seja ela como for.

Em uma perspectiva de alfabetizar-letrando a criança deve ser vista como um sujeito ativo, logo, é importante considerar suas escritas espontâneas, sabendo que é a partir delas que a criança vai criando suas próprias hipóteses e desenvolvendo seu entendimento sobre a língua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar os processos de ensino-aprendizagem da alfabetização, considerando as escritas espontâneas das crianças em uma perspectiva de letramento, levando em consideração o processo de aprendizagem, os níveis de escrita das crianças pesquisadas frente aos seus primeiros contatos com a língua escrita.

As discussões sobre a temática nos possibilitaram refletir e compreender que a pesquisa desenvolvida nesse campo nos propiciou um entendimento mais amplo acerca desse processo de alfabetização e letramento, levando em consideração as escritas espontâneas das crianças.

Quanto as observações, ficou claro que é primordial o professor alfabetizador estar em permanente formação e ser conhecedor do nível de escrita de cada criança, para que, através disso, possa construir práticas metodológicas eficazes e construtivas para que todos progridam conforme seu processo. É essencial que propicie aos alunos práticas de leitura, considere-o como sujeito ativo do seu próprio processo de aprendizagem, considerando suas hipóteses.

Ficou claro que a perspectiva de alfabetizar letrando, embora seja um conceito novo, e que até hoje muitos resquícios aparecem em muitas práticas pedagógicas de professores que não se adequam a essa nova concepção, envolve interesses pelos aspectos sociais que constituem a linguagem escrita, indispensável na sociedade de hoje, onde o mundo letrado está a nossa volta e o ensino deve fazer parte das nossas próprias vivências, com novas perspectivas de compreender a alfabetização e seu processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, é indispensável oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita, de forma que possibilite o uso social da língua, como também fazer com que os alunos se apropriem do código escrito e compreendam o seu funcionamento, além disso, essa perspectiva é condicionante no sentido de democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita, e ajudar o aluno a reconstruir a escrita, bem como garantir que as práticas escolares ajudem o educando a refletir enquanto aprende.

Nessa perspectiva, foi constatado que desde cedo as crianças possam vivenciar atividades que as levem a pensar sobre o nosso sistema de escrita alfabética de forma lúdica, interativa e reflexiva.

REFERÊNCIAS

COLELLO, Silvia Mattos Gasparian. **Alfabetização e Letramento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001 (questões da nossa época: v. 14)

FONTANA, R. A.; CRUZ, M. N. O. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAIS, A. G. e ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T> F. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. ed.6.São Paulo: Contexto, 2012.

TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Ed. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

(83) 3322.3222
contato@setep2016.com.br
www.setep2016.com.br

r